

O SOPRO DAS FOLHAS DE OSSAIN

Ana Paula Lopes¹

¹> (São Paulo, 1983), graduada em Arte: História, Crítica e Curadoria, pela PUC-SP. Aluna mestranda em História da Arte na Unifesp, com pesquisa no espaço geopolítico na curadoria. Trabalhou como arte educada, supervisora e coordenadora de alguns educativos. Já atuou nas galerias, White Cube São Paulo, Mendes Wood DM e Jaqueline Martins. É autora de "A Position In The Margins", publicado na Terremoto Magazine, e o "O edificar das paredes brancas", na AEAN, Feira Tijuana em 2018. Participou em debates no projeto Experiências Negras no Instituto Tomie Ohtake e também com as publicações "O corpo negro na prática educativa de museus e instituições culturais" e "Possibilidade de Transgressão: Novas Curadorias Femininas".
E-mail: anapaula.paulapeslo@gmail.com

E quando eu não tiver mais folhas!

Sem folha, não há orixá

Em muitas histórias, o ápice se dá pelo fim, que também podemos enxergar como realmente um começo, ou seja, este fim foi necessário para que se vivesse o almejado. O estado para fim está carregado de tamanho medo e melancolia justamente por estar em estado de atenção. Tudo o que um dia se construiu ou se acreditou vira poeira em suspensão. Há um sopro em seu ouvido e irá te instabilizar! E “O fim! O chamado de vida transformando-se, aos poucos, em silêncio”².

Este prelúdio, que gradativamente passará por todos os estágios da poeira, do terror pelo não conhecido ... a poeira em suspensão é o fim, e se ele realmente ocorrer...

O que me leva a este pensamento é que o mundo está passando por uma grande transformação, química e biológica. Não é novidade se noticiar problemas climáticos, havendo fortes chuvas, nevascas ou ondas de calor; por exemplo, neste natal de 2019, o Tufão que atingiu as Filipinas, ocasionando a destruição de moradia e muitos mortos, sendo este apenas um caso reportado entre tantos que estão ocorrendo, pois sabemos que muitas outras regiões do planeta estão passando por vários problemas climáticos, e que muitos não são noticiados pela mídia. É importante ressaltar como o homem está cooperando para o aceleração da destruição neste lugar! Vejam que, neste ano de 2019, o “desmatamento na região da Amazônia, só no mês de agosto, foi de 1.394 km², um valor 120% maior

do que no ano anterior³”. E, caros leitores, não acredito que eles tenham cessado até o presente momento, o que cessou foram as notícias sobre as queimadas; queimas que, por sinal, atingem o país de modo geral, ou melhor, nosso Estado⁴ é um retrato do desfazer destes bens naturais irrecuperáveis. Lembremos que há pouco tempo ocorreu um vazamento de óleo no litoral do Nordeste e Sudeste do país, e, mesmo mobilizando pessoas numa tentativa de sanar o problema, acredito que os dados são imensuráveis e toda uma cadeia biológica foi destruída. Ah, temos também os lixos. Sejam eles de qualquer espécie, são lançados ao mar, rios e bacias diariamente.

Agora, caro leitor, tente mensurar essa destruição que acontece todos os dias e que vem sendo feita há séculos. Agora, por exemplo, árvores estão sendo derrubadas para plantação de soja no Norte; o seu carro, que você utiliza para trabalhar, está lançando poluentes na atmosfera, e o esgoto da sua casa está indo parar em algum rio! Acredito que chegamos a um silêncio que de algum modo é amedrontador, não? E vejam que estamos pensando apenas em termos de Brasil. Se expandirmos para uma escala global, chegamos numa agonia que nos leva a um estado medo, silêncio e melancolia, me levando a pensar na cena: o ar em suspensão, o alinhamento do planeta e a terra...e, a ao fundo, tocando Tristão e Isolda, de Richard Wagner, delineando um prelúdio de uma anunciação, como se “a voz de um anjo” surrresse no “ouvido” de Justine⁵, e, sim, “eu já escuto teus sinais”⁶.

2>

Relatório de Johor

3>

https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/historia_wwf_brasil/?72843/amazonia-um-em-tres-queimadas-tem-relacao-com-desmatamento

4>

Quando me refiro ao estado não digo sobre a região da qual pertenço, mas aos país.

5>

Personagem principal do Filme Melancolia de Lars Von Triers.

6>

Valença, Alceu. Anunciação, 1983.

Uma melancolia, retratada pelo diretor Lars Von Tries, um estado presente por este fim do mundo, mas que assola nós seres quando estamos prestes ao término de algo. E que não sabemos o que é, mas há um sopro no ouvido, o silêncio corrói e a poeira suspende.

E este sopro nos acende um estado de alerta, tensão e temor, e não sabemos de onde vem, mas vem de tempos em tempos de modo muito sutil. É a ancestralidade dando sinais e nossa história nos religando, nos chamando para nossa filosofia. Um conjunto de reflexões de histórias, saberes, arte, dança, música, culinária, ervas medicinais e litúrgicas. Estes são segredos guardados milenarmente e que se perpetuam mesmo sendo uma filosofia oral. Claro que hoje temos livros, há também muitas coisas na internet, mas o seu cerne está resguardado! Aprendemos todos os dias com reis e rainhas que já habitaram a terra em seus primórdios e que tiveram suas guerras, vitórias, perdas e amor; reis e rainhas que permeiam diversas sociedades com outros saberes e línguas diferentes e, por sermos de uma cultura oral, nossos Deuses possuem as mais diversas histórias. E, assim, aprendemos com estas sociedades que atravessaram o transatlântico nesta diáspora, sendo subjugados a violências em todos os aspectos. Os Deuses sopraram mesmo a meio da dor e banzo, fazendo com que códigos fossem invertidos e sabiamente arquitetados dentro de uma cultura dita “certa” e atravessaram a margem, permeando as mais diversas regiões, novos códigos introduzidos, e sobreviveram.

Assim, aprendemos, através de novos conceitos e cruzamentos de novas culturas, que não há uma história única, e uma não exclui a outra, mas, sim, elas se complementam, mesmo que, por muito tempo, a única versão tenha permanecido e seguido notória. Engraçado e trágico ver

uma filosofia milenar só ganhar notoriedade agora, e ver algo tão antigo ser posto no século XX como original pela Escola de Frankfurt e outros pensadores, principalmente os europeus.

A cada coroação que é feita de modo distinto, novas filosofias e fazeres são introduzidos nos saberes para coroar este ou esta majestade. E, independente da estrutura da qual você irá fazer parte dentro desta filosofia, há uma base para todos, que são os preparos para sua chegada, para a qual toda uma comunidade se organiza. Além disso, toda uma economia irá ser gerada, seja ela monetária, para as compras e para os afazeres, ou, na volta, sustentos a outras comunidades que estão no entorno ou de outros lugares! Mas há uma questão que compartilho e introduzi anteriormente, que é o fim.

O fim, para muitas civilizações, na verdade, é o recomeço. Ao coroamos nosso rei e rainhas, de alguma maneira, representamos o fim de uma constituição para o renascimento de novos caminhos e saberes, que também nos levam a um estado de tensão e temor porque não sabemos o que irá acontecer. Nossa mente e corpos se elevam para um novo estado de também suspensão, silêncio! Mas, para coroarmos os Deuses, precisamos de uma peça chave, um Deus, pois, sem ele, não há rainhas e reis.

Este rei é um alquimista. Ele vive nas florestas. Senhor das ervas, conhece cada uma delas, seu cultivo, a extração e seu poder curativo. Este mestre, médico e bruxo tem como companheiro um pássaro, pois ele é mensageiro de seu território. Então, meus caros, tomem muito cuidado ao penetrar nas matas, pois elas possuem dono e, qualquer movimento que tenha, ele será informado. Além disso, algo importante tenho a dizer: este rei sabe de cada infusão para a chegada dos nossos reis, e cada rei e

rainha possuem suas folhas, contudo, o segredo está nas mãos de Ossain. Ou seja, sem folhas não há cerimônia, nem reis nem rainhas. De modo que nossa ancestralidade e coroamento dependem de algo que não está nas mãos de algo para se consagrar, mas nas mãos de um meio natural e biológico. Pois posso organizar tudo para a chegada dos reis, mas, se não tiver folha, não acontecerá. O ressoar do adjá e da batida do coro só ocorre se tiver folha, Ewé Asá, Ewé Ô!

Assim, tudo que pontuei acima - não só os desmatamento e poluições que correm no território brasileiro, mas no mundo de modo geral, e todos os problemas causados ao longo da história deste planeta, e alguns postos anteriormente, ou como o de Chernobyl! Vocês Lembram? Um desastre nuclear cometido pelo homem em 1986 e que permanece lá, sendo uma radiação que penetrou no mar, no ar e que provavelmente se disseminou de um modo que não temos como prever, mas ele está aqui entre nós. Os desastres no meio natural crescem todos os dias e chegará a um ponto onde o planeta não suportará, e talvez os prelúdios já estejamos vivendo, e talvez não seja como o retratado em "Blade Runner", filme de 1982, no qual os "humanos" e andróides viviam juntos, numa tecnologia avançada, e o estado melancólico do

mundo era transmitido por meio da chuva. Talvez estejamos a caminho de um estado de temor e numa poeira suspensa sem ter para onde correr e num tamanho caos, como na trilha de "Hildur Gudnadóttir", The Door, onde o pavor se amplia a cada "break e build up" desenvolvido na música, criando atmosfera de terror, solidão e um silêncio, mesmo havendo som. Próximo do seu fim, temos um som que lembra um detector de radiação em busca de algo que não enxergamos, e o som se amplia como alarme, e uma poeira em suspensão deste fim nos toca!

É meus caros, o que pontuo com isso, que a princípio pode parecer que não tem nada haver uma coisa com a outra, e que nós humanos estamos caminhando para o fim, e que fim é esse não sabemos! Ossain sopra, mas estamos terminando com as suas folhas e todo meio natural, que compete não apenas a este rei, mas a todos os outros também. Dentro de nossa filosofia milenar, há algo imprescindível: sem folhas não há orisá e nem cerimônia; sem natureza, a nossa história, que até hoje sobreviveu através da oralidade e de baixo de violência, morre...se não tiver natureza, não tem candomblé!

